



Título: Fotopinturas: materiais, técnicas e sentidos sociais

Aluna: Bianca de Camargo Setti - UNICAMP

Orientadora: Profa. Dra.: Maria Suely Kofes - UNICAMP

Coorientadora: Profa. Dra.: Fabiana Bruno - UNICAMP

Objetivos: Esta pesquisa teve como objetivo compreender a fotopintura, as narrativas e rituais vinculados a ela como a morte, a partir da relação entre fotografia e pintura, técnicas e materiais distintos que compõem essa produção pertencente ao gênero do retratístico que, apesar das transformações, ainda resiste no nordeste brasileiro. Procurei através da discussão bibliográfica e iconográfica, a partir de teorias que tratam da imagem e da antropologia, problematizar a fotopintura, assim como perceber questões que a permeiam como composição multifacetada e que escapam a sua unidade visível. A pesquisa se ancorou na existência do arquivo de fotopinturas de Titus Riedl – que é também um estudioso da fotopintura- localizado no Cariri-CE - formado por mais de 5000 imagens, a maioria delas “descartadas” pelos fotopintores e seus clientes, ou obtidas por meio de doações.

Descrição da pesquisa: foi realizado levantamento bibliográfico, imagético e investigação em fontes alternativas como blogs, colunas e vídeos no youtube. Ao longo do processo de pesquisa, tanto a literatura quanto o estudo de imagens proporcionaram um rico entendimento sobre a fotopintura, em especial sobre a sua composição multifacetada que mescla fotografia e pintura, as etapas envolvidas em sua produção e as especificidades ocasionadas da união de duas técnicas de representação distintas.

Apesar das fotopinturas serem encontradas com maior facilidade em regiões interioranas e, inclusive, em países latino-americanos e europeus, elas ganham bastante destaque no nordeste brasileiro por terem atuado no movimento de democratização do retrato colorido e, também, por abrangerem o imaginário religioso em suas representações. Atualmente conta-se com um fotopintor vivo e atuante no Brasil que, acompanhando as evoluções tecnológicas, não mais utiliza pincel e lona, mas, sim, o photoshop como ferramenta principal.

A existência de acervos como o de Titus Riedl, com mais de 5000 fotopinturas abandonadas de diversos estúdios, e de Mestre Júlio Santos, com trabalhos que também não foram retirados por aqueles que realizaram a encomenda, inicialmente podem ser um sinal de que a técnica está pouco valorizada e até mesmo em vias de desaparecimento - uma das hipóteses iniciais desta pesquisa. O

que pode-se perceber, entretanto, com base em entrevistas e reportagens disponíveis na internet, é que sim, a fotopintura não é mais uma necessidade no que tange a produção e a obtenção de um retrato colorido, mas vem se destacando aos olhos de artistas visuais, historiadores e antropólogos como uma arte e um artefato que além de belo e único, é uma fonte de conhecimento riquíssima sobre técnicas artísticas e imaginários locais¹.

Resultados Obtidos: A fotopintura, também nomeada de retrato pintado, ou foto retrato pintado, por alguns pesquisadores como Riedl (2002; 2007) e Rocha (2012; 2014), é uma produção pertencente ao gênero do retrato que une as técnicas da fotografia e da pintura. Elas são encontradas não só no Brasil, mas em alguns países da América Latina como Peru e México². De acordo com Júlio Santos (2020), os estúdios de maior destaque no contexto nacional localizavam-se em São Paulo, Rio de Janeiro e na região nordeste do país, especialmente no estado do Ceará. Em termos técnicos, os objetivos da fotopintura estavam relacionados a restauração de fotografias antigas e desgastadas, à coloração de imagens em preto e branco ou sépia e, também, a intervenções mais complexas como a montagem de retratos e recomposição de representações de rostos não identificáveis em decorrência da ação do tempo.

Essa união de técnicas proporciona resultados que, separadamente, dificilmente proporcionariam. Dentre os assuntos mais recorrentes na fotopintura estão o retrato da família reunida, foto de casal/casamento e morte. Entretanto, independente do assunto, as fotopinturas possuem o poder de representar uma realidade imaginada pelo cliente, normalmente bem diferente daquela capturada pela câmera (Rocha, 2012; Chiodetto, 2016).

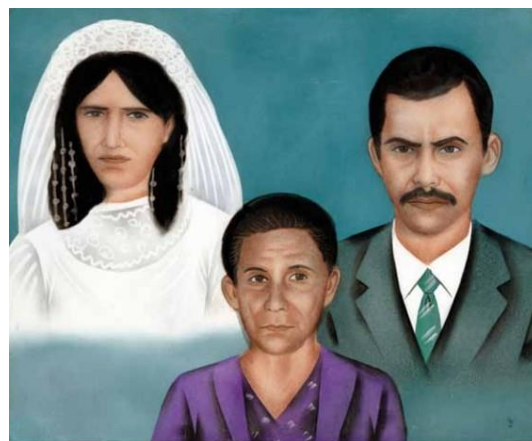


Imagem1: Fotopintura. Coleção Titus Riedl

No caso das fotopinturas da morte, a atenção se voltava para alterações que promovessem a sensação de vivacidade, como a abertura dos olhos e a coloração das faces, por exemplo. As intervenções mais corriqueiras, contudo, se associavam à atribuição de *status* social à imagem e eram expressas por meio de modificações nas roupas, nos cabelos e através da inserção de jóias e adereços finos (Riedl, 2002; Wulhynek, 2015; Rocha, 2012). Aos noivos e noivas eram acrescentados vestidos pomposos e jóias luxuosas, assim como ternos refinados e cabelos bem penteados, lustrosos. Para atingir o resultado desejado, os profissionais poderiam se utilizar de diferentes retratos para produzir um só, como se todas as pessoas tivessem sido fotografadas juntas.

¹ Principalmente quando pensamos no nordeste brasileiro.

² Rocha, 2014, p.135.

Aqui esbarramos em um atributo marcante da fotopintura: sua capacidade de transgredir barreiras geográficas e temporais.

Na *imagem 1* é possível observar tanto a presença de vestimentas mais luxuosas de casamento como o véu, as rendas e o terno, quanto a presença da montagem. Fica clara a utilização de três retratos para a composição de uma só fotopintura. Noiva, noivo e provavelmente a mãe de algum deles aparecem de forma “desconexa” e “flutuando” na tela. Nesse caso, uma hipótese possível é que a senhora ao meio, muito importante para ambos, não pode estar presente no evento por alguma razão, ou os três não foram retratados juntos como gostariam.

Chiodetto (2016) aponta que essa criação multifacetada adquire significações sociais no nordeste brasileiro que se diferenciam de outros locais, aludindo a uma dimensão não só documental e artística, mas, também, ao sagrado. Nesse mesmo sentido, Rocha (2012) situa as fotopinturas da Ladeira do Horto, no Juazeiro do Norte, em uma relação de afeto com os moradores das casas e as imagens de santos penduradas nas paredes das salas do Sagrado Coração de Jesus. Sua teoria é desenvolvida sobre a noção de agência dos objetos artísticos proposta por Gell (2009) e, segundo ele, mesmo que a temática das fotopinturas não esteja diretamente conectada ao contexto religioso, ela atua tal como se estivesse.

Uma forma eficiente de visualizar esse atributo é retomar as etapas envolvidas em seu processo de fabricação. O auge da fotopintura ocorreu na segunda metade do século XX, no qual as regiões interioranas e mais pobres ainda não gozavam do acesso a câmeras fotográficas e fotografias coloridas. Com a democratização do retrato avançando aos poucos nesses locais, a fotopintura se mostrava uma saída, ainda que os estúdios estivessem, majoritariamente, situados nas capitais.



Imagem 2: Fotopintura. Coleção Titus Riedl

Na *imagem 2*, uma foto clássica de família com as figuras dos pais ao fundo - e um pouco maiores - e dos filhos logo à frente e abaixo, conta a presença de um santo³ que, se não fosse pelas mãos do fotopintor, não estaria retratado junto à família. Além disso, pela disparidade das dimensões dos retratados e das suas posições em “escadinha”, é provável que os retratos individuais de cada membro tenham sido utilizados para a montagem dessa fotopintura.

³ Acredito que seja Santo Antônio pelo ramo em sua mão e por estar entre os 4 filhos da família.

De acordo com Riedl (2002), os bonequeiros (ou vendedores ambulantes) faziam a conexão entre os clientes e os profissionais envolvidos, pois ao passarem de casa em casa vendendo seus produtos, ofereciam, também, a possibilidade de realizar a encomenda. Para isso, era preciso descrever em uma carta como se pretendia o resultado final e enviar os retratos que deveriam ser utilizados. O vendedor levava o pedido ao laboratorista, conhecido como puxador, que fazia a ampliação e diminuía o contraste da imagem. Em seguida, o fotopintor entrava com o uso de tintas sobre a ampliação, de modo a cumprir as indicações do cliente.

Para Riedl (2007:23), a fotopintura acaba sendo vista como “produto de uma cultura vulgar, de resumido valor material e pouca elaboração artística”, além de ser pouco apreciada pela elite urbana e, devido a isso, pouco estudada no país. A coleção de Titus Riedl poderia muito bem refletir um processo de desvalorização e esquecimento pelo qual essa arte vem passando. O historiador, sociólogo e pesquisador das fotopinturas reside na região do Cariri-CE e possui um acervo com mais de 5000 fotopinturas que foram doadas por seus interlocutores por não quererem mais aquele artefato em suas casas, e por alguns estúdios que acumulavam fotopinturas esquecidas pelos clientes, em alguns casos, por conterem algum defeito.

Por mais que ela seja associada a uma prática em vias de desaparecimento pelo senso comum, considerando que a fotografia digital entre os anos 1990 e início dos anos 2000 baqueou sua produção, mestre Julio Santos recusa esse ponto de vista. Como último fotopintor vivo e ativo no Brasil, ainda hoje ele produz mais de 200 retratos pintados por mês no Photoshop, cada encomenda demandando em torno de 3 horas. Outra figura marcante e importante no processo de realização da fotopintura, o vendedor ambulante, ainda se encontra ativo. Proença, de segunda a sexta, bate de porta em porta em algumas regiões do Recife oferecendo o serviço de restauração. Seu foco é a transformação da fotopintura em tela em digital, e também a ampliação de imagens digitais e restauração de fotografias antigas (Souza, 2021).

Por último, mas não menos importante, é preciso ressaltar que as fotopinturas são cada vez mais estudadas por pesquisadores de diferentes áreas - artes visuais, comunicação social e antropologia - como um reflexo da preocupação em não deixar essa arte cair em esquecimento. Pude observar isso baseada na multidisciplinaridade que compõe o meu levantamento bibliográfico. Além disso, é extremamente gratificante perceber como artistas contemporâneos reinventam e adaptam as técnicas da fotopintura. Um bom exemplo é a colaboração entre mestre Júlio Santos e Virginia de Medeiros para sua exposição “Fábulas do Olhar” (2012-2012), na qual, a partir da fotopintura digital, ambos levam esperança e auto-estima aos moradores de rua de Fortaleza.

Referências Bibliográficas:

ALLOA, Emmanuel. Entre a transparência e a opacidade—o que a imagem dá a pensar. *Pensar a imagem*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 7-19, 2015.

BORGES, Déborah Rodrigues. *Representação como Tensão na Fotografia: pensando a fotopintura*. Revista EVS-Revista de Ciências Ambientais e Saúde, v. 38, n. 4, p. 771-791, 2011.

CHIODETTO, Eder. *Estes outros: fotopinturas da coleção Titus Riedl*. São Paulo: Terra Virgem, 2016

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Que emoção! Que emoção?*. São Paulo: Editora, v. 34, p. 72, 2016.

FABRIS, Annateresa. *Identidades virtuais: uma leitura do retrato fotográfico*. Editora UFMG, 2004.

FÁBULAS DO OLHAR: FOTOPINTURAS E OUTRAS AVENTURAS. Ideias Sesc São Paulo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=n6RFmB9lxfE&t=8s>. Acesso em: 06 jan. 2020.

GELL, Alfred. *Definição do problema: a necessidade de uma antropologia da arte*. Revista Poiésis, v. 10, n. 14, p. 243-259, 2009.

NEVES, Luis Felipe Baêta. *A noção de " arte popular": uma crítica antropológica*. In: Revista de Ciências Sociais. Fortaleza, 1977.

NOVAES, Sylvia Caiuby. *Antropologia e imagem*. Teoria e Cultura, v. 15, n. 3, 2020.

RIEDL, Titus A morte transformada em vida: o caso da foto-pintura. *Imagem, Tradição e contemporaneidade*, 2007.

_____. *Últimas lembranças: retratos da morte no Cariri, região do Nordeste brasileiro*. Annablume, 2002.

ROCHA, Ewelter de Siqueira. Memória e verossimilhança nos retratos pintados da ladeira do Horto. In: *Entre arte e ciência: a fotografia na antropologia*. São Paulo: Edusp, 2015.

_____. *Vestígios do sagrado: uma etnografia sobre formas e silêncios*. 2012. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

SOUZA, Alice de. MARTINS, Rafael. Parede da Memória. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/edicao/fotopintura/#cover>. Acesso em: 19 de Julho de 2021.

WULHYNEK, Livia Heinerich. *Desejos ilustrados: um resgate à fotopintura*. Lisboa, 2015. Tese de Doutorado.